

DA AUTORA DE **GAROTA EXEMPLAR**

intrínseca

GILLIAN FLYNN

**LUGARES
ESCUROS**

GILLIAN FLYNN
**LUGARES
ESCUROS**

TRADUÇÃO DE Alexandre Martins



Copyright © 2009 by Gillian Flynn

Publicado mediante acordo com Crown Publishers,
um selo do Crown Publishing Group, uma divisão da
Random House, Inc.

TÍTULO ORIGINAL
Dark Places

PREPARAÇÃO
Rafael Rodrigues

REVISÃO
Suelen Lopes
Juliana Pitanga

DIAGRAMAÇÃO
ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
F669L

Flynn, Gillian, 1971-
Lugares escuros / Gillian Flynn ; tradução Alexandre Martins.
- 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2014.

352 p. ; 23 cm.
Tradução de: Dark places
ISBN 978-85-8057-591-0

1. Ficção americana. I. Martins, Alexandre. II. Título.

14-14597

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

PARA MEU MARIDO ENCANTADOR,
BRETT NOLAN

Os Day eram um clã que poderia viver à beça
Mas Ben Day perdeu a cabeça
O poder de Satanás o garoto queria
E matou a família em meio a uma gritaria

Da pequena Michelle torceu o pescocinho
Depois de Debby fez picadinho
A mãe, Patty, guardou para o final
E, sem piedade, em sua cabeça deu um tiro fatal

A bebê Libby conseguiu viva permanecer
Mas passar por aquilo de modo algum é viver

– CANTIGA DE RODA, CIRCA 1985

LIBBY DAY

HOJE

Eu tenho uma maldade dentro de mim, tão real quanto um órgão. Corte minha barriga e talvez ela escorra para fora, viscosa e escura, e caia no chão para que você possa pisar nela. É o sangue dos Day. Há algo de errado com ele. Nunca fui uma boa menina e piorei depois dos assassinatos. A pequena órfã Libby cresceu triste e fraca, cercada por um grupo de parentes distantes — primos em segundo grau, tias-avós e amigos de amigos —, enfiada em uma série de trailers ou casas de fazenda caindo aos pedaços por todo o Kansas. Indo à escola com roupas usadas das irmãs mortas. Camisas com axilas amareladas. Calças com traseiros caídos, comicamente folgadas, sustentadas por um cinto gasto no último furo. Nas fotos de escola, meu cabelo estava sempre despenteado — presilhas pendendo dos cachos, como se fossem objetos voadores que grudaram ali —, e eu sempre tinha bolsas inchadas sob os olhos, olhos de senhora embriagada. Talvez uma curva rancorosa nos lábios onde deveria haver um sorriso. Talvez.

Eu não era uma criança adorável e me tornei uma adulta extremamente detestável. Se alguém fizesse um retrato da minha alma, veria um amontoado de rabiscos com presas.

Era março, um infeliz e encharcado março, e eu estava deitada na cama pensando em me matar, um passatempo meu. Uma espingarda, minha boca, um bang e minha cabeça sacudindo uma, duas vezes. Sangue na parede. Respingos, jorros. “Ela queria ser enterrada ou cremada?”, perguntariam as pessoas. “Quem deveria vir para o funeral?” E

ninguém saberia. As pessoas, quem quer que fossem, apenas olhariam para os sapatos ou ombros umas das outras até o silêncio se estabelecer, e então alguém apareceria com um bule de café e o colocaria numa mesa, de maneira rápida e barulhenta. Café combina bem com uma morte repentina.

Tirei um dos pés de sob o lençol, mas não consegui alcançar o chão. Acho que estou deprimida. Acho que tenho estado deprimida há uns vinte e quatro anos. Posso sentir uma versão melhor de mim em algum lugar lá dentro — escondida atrás do fígado ou presa a um pedaço de baço dentro do meu corpo mirrado, infantil —, uma Libby que me diz para me levantar, fazer algo, crescer, seguir em frente. Mas a maldade normalmente vence. Meu irmão massacrou minha família quando eu tinha sete anos. Minha mãe, minhas duas irmãs, mortas: bang bang, chop chop, gasp gasp. Realmente não tinha nada que eu pudesse fazer depois daquilo, nada era esperado.

Herdei 321.374 dólares quando fiz dezoito anos, vindos de todas as pessoas bem-intencionadas que haviam lido minha história triste, idealistas cujos *corações estavam comigo*. Sempre que ouço essa expressão, e a escuto muito, imagino gordos corações desenhados, com asas, voando para um dos meus muitos lares decrépitos da infância, meu eu de menina junto à janela, acenando e agarrando cada coração brilhante, notas verdes chovendo em mim, *obrigada, obrigada mesmo!* Quando ainda era criança, as doações foram depositadas em uma conta bancária administrada de modo conservador, que na época dava um salto a cada três ou quatro anos, quando alguma revista ou emissora de rádio atualizava meu perfil. Um Novo Dia para a Pequena Libby: A Única Sobrevivente do Massacre da Pradaria Completa Dez Amargos Anos. (Eu com tranças malfeitas no gramado mijado por gambás em frente ao trailer da minha tia Diane. As panturrilhas grossas dela expostas por uma saia curta, plantadas na grama amarela atrás de mim.) Os Dezesesseis Anos da Corajosa Pequena Day! (Eu, ainda em miniatura, o rosto iluminado por velas de aniversário, a camisa apertada demais sobre seios que haviam ficado enormes naquele ano, parecendo duas caricaturas em meu corpo pequeno; ridículos, pornográficos.)

Eu vivi daquele dinheiro por mais de treze anos, mas ele estava quase acabando. Teria um encontro naquela tarde para determinar exatamente quanto eu ainda tinha. Uma vez por ano, o homem que administrava minha conta, um corretor com bochechas rosadas chamado Jim Jeffreys, insistia em me levar para almoçar, “botar o papo

em dia”, como ele chamava. Comíamos algo na faixa de vinte dólares e conversávamos sobre minha vida — afinal, ele me conhecia desde que eu era deste tamanho, ha-ha. Quanto a mim, não sabia quase nada sobre Jim Jeffreys e nunca perguntava, vendo os encontros sempre do ponto de vista de uma criança: seja educada, mas não muito, e acabe logo com isso. Respostas monossilábicas, suspiros cansados. (A única coisa que suspeitava sobre Jim Jeffreys era que ele devia ser cristão, carola — tinha a paciência e o otimismo de alguém que achava que Jesus estava vendo tudo.) Eu não deveria “botar o papo em dia” antes de oito ou nove meses, mas Jim Jeffreys estava me atormentando, deixando recados na secretária eletrônica com uma voz séria e baixa, dizendo que tinha feito o possível para estender a “vida dos recursos”, mas que era hora de pensar nos “próximos passos”.

E novamente vem a maldade: de imediato pensei naquela outra garotinha dos tabloides, Jamie Alguma Coisa, que perdera a família no mesmo ano — 1985. Ela teve parte do rosto queimada em um incêndio provocado pelo pai, que matara todos os outros familiares. Sempre que vou ao caixa eletrônico, penso nessa garota Jamie e em como eu teria o dobro do dinheiro se ela não tivesse me atrapalhado. Aquela Jamie Sei Lá O Quê estava em algum shopping com meu dinheiro, comprando bolsas elegantes, joias e maquiagem para passar em seu rosto brilhante e marcado. O que era uma coisa horrível de se pensar, claro. Pelo menos isso eu sabia.

Finalmente, finalmente, finalmente saí da cama com um resmungo teatral e fui até a frente da minha casa. Eu alugo uma pequena casa de tijolos em uma fila de outras pequenas casas de tijolos, todas acocoradas em um enorme penhasco debruçado sobre os antigos estábulos de Kansas City. Kansas City, Missouri, não Kansas City, Kansas. Existe uma diferença.

Meu bairro não tem nem nome, de tão esquecido que é. É chamado de Lá Em Cima Por Ali. Uma estranha área decadente, cheia de becos sem saída e cocô de cachorro. As outras casas são ocupadas por velhos que vivem nelas desde que foram construídas. Os velhos ficam sentados, cinzentos e flácidos, atrás de janelas de tela, olhando para fora o tempo todo. Algumas vezes vão até os carros em pequenos passos cautelosos que me fazem sentir culpada, como se eu devesse ajudar. Mas eles não gostariam disso. Não são velhos amistosos — são velhos irritados de lábios franzidos que não gostam que eu seja vizinha deles, essa pessoa *nova*. Há um zumbido de desaprovação no ar. E então há

o barulho do desprezo deles e do pequeno cachorro ruivo duas portas abaixo, que late o dia inteiro e uiva a noite toda; e há o constante ruído de fundo que você não percebe que o está enlouquecendo, até que ele para, apenas por alguns abençoados instantes, e então recomeça. O único som alegre da vizinhança eu normalmente perco dormindo. Os barulhinhos matinais das crianças. Um bando delas, rostos redondos e todas agasalhadas, caminham até alguma creche escondida ainda mais longe no labirinto de ruas atrás de mim, todas segurando uma corda comprida puxada por um adulto. Elas passam marchando como pinguins pela minha casa toda manhã, mas nunca as vi voltar. Pelo que sei, contornam o mundo inteiro e voltam a tempo de passar pela minha janela novamente na manhã seguinte. Qualquer que seja a história, sou apegada a elas. Há três meninas e um menino, todos com preferência por casacos vermelhos brilhantes, e, quando não os vejo, quando durmo demais, fico realmente triste. Ainda mais triste. Essa é a palavra que minha mãe usaria, não algo tão dramático quanto *deprimida*. Eu ando triste há vinte e quatro anos.

Vesti uma saia e uma blusa para o encontro, sentindo-me anã, minhas roupas adultas de garota crescida nunca me caem bem. Mal tenho um metro e meio — um e quarenta e oito, na verdade, mas eu arredondo. Fazer o quê? Tenho trinta e um anos, mas as pessoas tendem a falar comigo com uma vozinha suave, como se estivessem conversando com uma criancinha.

Fui para o quintal íngreme e cheio de mato, o cachorro ruivo do vizinho começando seus latidos intrometidos. Na calçada perto do meu carro estão os esqueletos esmagados de dois passarinhos, os bicos e as asas achatados, fazendo com que pareçam quase desprezíveis. Estão ali há um ano. Não consigo resistir a olhá-los sempre que entro no carro. Precisamos de uma boa enchente para levá-los embora.

Duas idosas estavam conversando nos degraus da frente de uma casa do outro lado da rua, e eu pude senti-las se recusando a me olhar. Não sei o nome de ninguém. Se uma daquelas mulheres morresse, eu não poderia nem dizer “A pobre Sra. Zalinsky morreu”. Teria que dizer: “Aquela piranha velha miserável do outro lado da rua bateu as botas.”

Sentindo-me como um fantasma de criança, subi em meu carro popular de tamanho médio que parece ser feito principalmente de plástico. Fico esperando que alguém da loja apareça e me diga o óbvio: “Ei, é uma piada. Você não pode dirigir isto. Estávamos brincando.” Dirigi

distraída meu carro de brinquedo por dez minutos até o centro para me encontrar com Jim Jeffreys, entrando no estacionamento da churrascaria vinte minutos atrasada, ciente de que ele sorriria gentilmente e não diria nada sobre meu atraso.

Eu deveria ligar do celular quando chegasse para que ele pudesse sair e me escotar para dentro. O restaurante — uma churrascaria das antigas — é cercado por prédios desocupados que o preocupam, como se um pelotão de estupradores estivesse permanentemente agachado em suas estruturas vazias esperando minha chegada. Jim Jeffreys não será O Cara Que Deixou Algo Ruim Acontecer a Libby Day. Nada ruim pode acontecer à CORAJOSA PEQUENA DAY, a GAROTINHA PERDIDA, a patética garota ruiva de sete anos com grandes olhos azuis, a única sobrevivente do MASSACRE DA PRADARIA, dos INSANOS ASSASSINATOS DO KANSAS, do SACRIFÍCIO SATÂNICO DA FAZENDA. Minha mãe, duas irmãs mais velhas, todas vítimas da chacina de Ben. Única a sobreviver, eu o apontara como o assassino. Eu fui a gracinha que levou meu irmão adorador do demônio à Justiça. Fui notícia. O *Enquirer* colocou uma foto minha chorando na primeira página com a manchete ROSTINHO DE ANJO.

Olhei para o retrovisor e pude ver meu rosto de bebê ainda agora. Minhas sardas desbotaram e meus dentes se ajeitaram, mas meu nariz continua arrebitado, e meus olhos, redondos como os de uma gatinha. Tinha pintado o cabelo de louro-platinado, mas as raízes ruivas já estavam crescendo. Parecia que meu couro cabeludo estava sangrando, especialmente à luz do fim do dia. Parecia violento. Acendi um cigarro. Eu havia passado meses sem fumar e então me lembrei: preciso de um cigarro. Sou assim, nada persistente.

— Vamos lá, Pequena Day — disse em voz alta.

É como me chamo quando estou com raiva.

Saltei do carro e fumei a caminho do restaurante, segurando o cigarro com a mão direita para não ter que olhar para a esquerda, a deformada. Era quase noite: nuvens passageiras flutuavam em bandos pelo céu como bisões, e o sol estava baixo o bastante para pintar tudo de cor-de-rosa. Na direção do rio, entre as curvas da rodovia, alguns elevadores de grãos obsoletos, monumentos vazios e sem sentido no horizonte.

Cruzei o estacionamento sozinha, sobre uma constelação de vidro quebrado. Não fui atacada. Afinal, eram apenas pouco mais de cinco da tarde. Jim Jeffreys era um madrugador e tinha orgulho disso.

Ele estava sentado no bar, bebendo um refrigerante, quando entrei, e a primeira coisa que fez, como eu previa, foi tirar o celular do bolso do paletó e olhar para o aparelho como se o tivesse traído.

— Você ligou? — perguntou Jim, franzindo a testa.

— Não, esqueci — menti.

Então ele sorriu.

— Bom, tudo bem. Estou contente por você estar aqui, querida. Pronta para um papo sério?

Ele colocou dois dólares no balcão e nos conduziu a um reservado de couro vermelho com enchimento amarelo saindo pelas rachaduras do estofamento. As beiradas dos rasgos arranharam a parte de trás das minhas pernas quando deslizei ao me sentar. Um bafo de fumaça de cigarro saiu das almofadas.

Jim Jeffreys nunca bebia álcool na minha frente e nunca perguntava se eu queria um drinque, mas, quando o garçom se aproximou, pedi uma taça de vinho tinto e o observei enquanto ele tentava não parecer surpreso, decepcionado ou qualquer coisa que não fosse Jim Jeffreys. *Qual tipo de tinto?*, perguntou o garçom, e eu realmente não tinha ideia; nunca me lembrava de nomes de tintos ou brancos, ou qual parte do nome você devia dizer em voz alta, então disse apenas *da casa*. Ele pediu um filé, eu optei por uma batata assada com dois recheios, depois o garçom partiu; Jim Jeffreys deu um demorado suspiro e falou:

— Bem, Libby, estamos chegando a um estágio muito novo e diferente.

— Quanto ainda tem? — perguntei, pensando *digadexmildigadexmil*.

— Você lê os relatórios que eu envio?

— Às vezes — menti novamente.

Eu gostava de receber correspondência, mas não de ler; os relatórios provavelmente estavam em uma pilha em algum lugar da casa.

— Você *ouviu* as minhas mensagens?

— Acho que seu celular está quebrado. As mensagens ficam cortadas.

Eu escutara o suficiente para saber que estava em apuros. Normalmente desligava depois da primeira frase dele, que sempre era: *Libby, aqui é seu amigo Jim Jeffreys...*

Jim Jeffreys juntou as pontas dos dedos e projetou o lábio inferior.

— Restam 982 dólares e 12 centavos no fundo. Como já mencionei, caso você tivesse conseguido repor com a renda de algum tipo de trabalho regular, poderíamos ter conseguido fazê-lo durar por mais tempo, mas... — falou, lançando as mãos para a frente e fazendo uma careta antes de prosseguir — as coisas não funcionaram assim.

— E quanto ao livro, o livro não...

— Lamento, Libby, mas o livro não. Eu lhe digo isso todo ano. Não é sua culpa, mas o livro... Não. Nada.

Um tempo atrás, para explorar meu aniversário de vinte e cinco anos, um editor de livros de autoajuda me pediu para escrever sobre como eu havia derrotado os “fantasmas do passado”. Eu não havia, de modo algum, derrotado nada, mas ainda assim concordei com o livro, conversando pelo telefone com uma mulher de Nova Jersey que era quem realmente escrevia. O livro foi lançado na época do Natal, em 2002, com uma foto minha na capa usando um corte de cabelo horrível. O título do livro era *Um novo dia! Sobreviva ao trauma de infância e supere-o!*, e ele incluía alguns retratos de infância meus e da minha família morta no meio de duzentas páginas de uma baboseira sentimentalóide de pensamento positivo. Recebi oito mil dólares, e alguns poucos grupos de sobreviventes me convidaram para palestras. Fui a Toledo para um encontro de homens que haviam ficado órfãos quando pequenos; a Tulsa para uma reunião especial de adolescentes cujas mães haviam sido mortas pelos pais. Autografei o livro para garotos boquiabertos que me faziam perguntas irritantes, como se minha mãe fazia tortas. Autografei o livro para velhos grisalhos carentes que me fitavam por trás de lentes bifocais, o hálito cheirando a café queimado e ácido gástrico. Escrevia “Comece um novo dia!” ou “Um novo dia o aguarda!”. Que sorte a minha ter um sobrenome que dá para fazer trocadilho. As pessoas que iam me assistir sempre pareciam exaustas e desesperadas, ficando inseguras perto de mim. Os grupos eram sempre pequenos. Quando me dei conta de que não estava sendo paga para fazer nada daquilo, recusei-me a ir aonde quer que fosse. De todo modo, o livro já havia fracassado.

— Parece que deveria ter rendido mais dinheiro — murmurei.

Eu realmente queria que o livro tivesse rendido, de uma forma infantil obsessiva; a sensação de que, se desejasse bastante, deveria acontecer. Deveria acontecer.

— Eu sei — afirmou Jim Jeffreys, não tendo mais nada a dizer sobre o tema após seis anos. Ele me viu tomar o vinho em silêncio. — Mas, de certa forma, Libby, isso lhe apresenta a uma nova fase realmente interessante na vida. Quer dizer, o que você quer ser quando crescer?

Eu sabia que isso deveria ser fascinante, mas produziu um surto de fúria em mim. Eu não queria ser nada, essa era a porra da questão.

— Não tem mais nenhum dinheiro sobrando?

Jim Jeffreys balançou a cabeça com tristeza e começou a colocar sal no filé recém-chegado, o sangue se acumulando ao redor da carne como refresco brilhante.

— E quanto a novas doações? O aniversário de vinte e cinco anos da tragédia está chegando — falei, sentindo outra onda de raiva por ele me obrigar a dizer isso em voz alta.

Ben começara a fúria assassina por volta das duas da manhã de 3 de janeiro de 1985. A hora do massacre da minha família, e eu ali ansiando por ela. Quem dizia coisas assim? Por que não poderia haver ainda pelo menos cinco mil dólares?

Jim Jeffreys balançou a cabeça novamente.

— Não há mais, Libby. Você tem o quê, trinta? Já é uma mulher. As pessoas seguiram em frente. Elas querem ajudar outras garotinhas, não...

— Não a mim.

— Temo que não.

— As pessoas seguiram em frente? Mesmo?

Senti uma lufada de abandono, algo que eu sempre sentia quando criança, quando uma tia ou um primo me deixava na casa de outra tia ou de outro primo: *Cansei, você fica com ela um tempo*. E a nova tia ou o novo primo seria bastante legal por uma semana, se esforçaria muito com a pequena e amarga Libby, e então... Na verdade, em geral era culpa minha. Realmente era, não é conversa fiada de vítima. Encharquei a sala de um primo com spray de cabelo e coloquei fogo. Minha tia Diane, minha tutora, irmã da minha mãe, minha adorada, me recebeu — e me mandou embora — meia dúzia de vezes antes de finalmente fechar a porta de uma vez por todas. Fiz coisas muito ruins àquela mulher.

— Temo que sempre haja um novo assassinato, Libby — falou Jim Jeffreys, num tom monótono. — As pessoas têm memória curta. Quer dizer, pense em como elas estão ficando malucas com Lisette Stephens.

Lisette Stephens era uma bela morena de vinte e cinco anos, que desaparecera na volta para casa depois de um jantar em família no Dia de Ação de Graças. Kansas City inteira estava disposta a encontrá-la — era impossível ligar a TV sem ver a foto dela sorrindo para você. A história chegara aos noticiários nacionais no começo de fevereiro. Absolutamente nada acontecera no caso durante um mês. Lisette Stephens estava morta, e agora todos sabiam disso, mas ninguém queria ser o primeiro a sair da festa.

— Mas acho que todos gostariam de saber que você está bem — continuou Jim Jeffreys.

— Maravilha.

— Que tal uma faculdade? — perguntou, mastigando um pedaço de carne.

— Não.

— E se tentássemos colocar você em algum serviço de escritório, arquivo ou coisas assim?

— Não.

Eu me fechei, ignorando minha refeição, fazendo uma cara de mau humor. Esta era outra das expressões da minha mãe: *mau humor*. Significava sentir tristeza de um jeito que incomodava as outras pessoas. Sentir tristeza de forma explícita.

— Bem, por que você não tira uma semana para pensar nisso?

Ele estava devorando seu filé, o garfo subindo e descendo rapidamente. Jim Jeffreys queria ir embora. Jim Jeffreys estava farto.

Ele me deixou com três envelopes e um sorriso que deveria ser otimista. Três envelopes, todos parecendo lixo. Jim Jeffreys costumava me dar caixas de sapato abarrotadas de correspondências, a maioria cartas com cheques dentro. Eu endossava o cheque para ele, e o doador recebia uma carta padrão em minha caligrafia pesada. “Obrigada por sua doação. São pessoas como você que me permitem acreditar em um futuro mais brilhante. Atensiosamente, Libby Day”. Eu realmente escrevia “atensiosamente”, um erro que Jim Jeffreys achava que as pessoas achariam comovente.

Mas as caixas de sapato com doações acabaram, e fui deixada com três envelopes e o resto da noite para passar. Voltei para casa, vários carros piscando os faróis para mim até eu me dar conta de que dirigia com faróis apagados. O horizonte de Kansas City brilhava a leste, modestos prédios baixos espalhados, torres de rádio se erguendo aqui e ali. Tentei imaginar coisas que pudesse fazer para ganhar dinheiro. Coisas que adultos faziam. Eu me imaginei com gorro de enfermeira, segurando um termômetro; depois com o uniforme azul justo de policial, ajudando uma criança a atravessar a rua; depois usando pérolas e avental florido, preparando o jantar para meu maridinho. *Para ver como você é perturbada*, pensei. *Sua ideia de maturidade ainda sai de livros infantis*. E enquanto pensava nisso me via escrevendo ABCs em um quadro-negro diante de alunos de primeira série com olhos brilhantes.

Tentei me lembrar de ocupações realistas — algo que tivesse a ver com computadores. Inserção de dados, isso não era um trabalho? Atendimento ao cliente, talvez? Uma vez vi um filme em que uma mulher ganhava a

vida passeando com cachorros, vestindo macacão e moletom, e sempre segurando flores, os cachorros babando e amáveis. Mas eu não gostava de cachorros, eles me assustavam. Finalmente pensei em algum trabalho relacionado à fazenda, claro. Nossa família fora de fazendeiros por um século, chegando à minha mãe, até Ben matá-la. E aí a fazenda foi vendida.

De qualquer forma, eu não saberia cuidar de uma fazenda. Tenho lembranças do lugar: Ben atravessando a lama fria de primavera, espantando bezerros do caminho; as mãos grossas de minha mãe afundando nas sementes cor de cereja que se transformariam em sorgo; os guinchos de Michelle e Debby saltando sobre fardos de feno no celeiro; “Coça!”, Debby sempre reclamava, depois pulava de novo. Nunca posso alimentar esses pensamentos. Classifiquei essas lembranças como se fossem um lugar particularmente perigoso: um lugar escuro. Bastava alimentar por tempo demais uma imagem da minha mãe tentando dar um jeito na cafeteira quebrada ou de Michelle dançando em sua camisola de jérsei, e minha mente mergulhava em um lugar escuro. Manchas maníacas de um vermelho brilhante soam na noite. Aquele inevitável machado ritmado se movendo mecanicamente como se cortasse madeira. Disparos de espingarda em um pequeno corredor. Os gritos apavorados da minha mãe, ainda tentando salvar os filhos com metade da cabeça faltando.

Pensei: *o que faz um assistente administrativo?*

Parei em frente à minha casa, pisei em um pedaço de calçada onde alguém havia talhado “Jimmy ama Tina” no concreto décadas antes. Algumas vezes gosto de imaginar o que aconteceu com esse casal: ele era um jogador de beisebol da segunda divisão/ela era dona de casa em Pittsburgh lutando contra um câncer. Ele era um bombeiro divorciado/ela era uma advogada que se afogara na Costa do Golfo no ano anterior. Ela era professora/ele morrera de um aneurisma aos vinte anos. Era um bom jogo mental, embora horrendo. Eu costumava matar pelo menos um deles.

Ergui os olhos para minha casa alugada e pensei se o telhado estaria cedendo. Se a coisa inteira despencasse, eu não perderia muito. Não tinha nada de valor, a não ser um gato muito velho chamado Buck, que me tolerava. Quando pisei nos degraus molhados e afundados, seus miados ressentidos chegaram a mim vindos de dentro da casa, e me dei conta de que não o alimentara naquele dia. Abri a porta, e o gato ancião veio na minha direção, lento e cambaleante, como um carro detonado com uma roda quebrada. Eu não tinha mais razão — estava na lista de afazeres havia uma semana —, então fui à geladeira,

tirei fatias de um queijo suíço duro e dei a ele. Depois me sentei para abrir meus três envelopes, os dedos cheirando a leite azedo.

Nunca passei da primeira carta.

Cara Srta. Day,

Espero que esta carta chegue a você, já que parece não ter um site na internet. Li sobre você e acompanhei sua história atentamente ao longo dos anos, e estou muito interessado em saber como está e o que faz atualmente. Você vai a eventos? Integro um grupo que lhe pagaria 500 dólares apenas por sua presença. Por favor, entre em contato comigo e ficarei contente em dar mais informações.

*Calorosamente,
Lyle Wirth*

P.S.: Esta é uma oferta legítima.

Fazer striptease? Pornografia? Quando o livro foi lançado, com seu encarte de fotos Pequena Day Cresce, a mais notável era uma fotografia minha aos dezessete anos, os seios trêmulos de mulher mal contidos por uma camiseta branca. Por causa disso, recebi várias propostas de revistas de segunda linha para tirar fotos nua, embora nenhuma delas tenha oferecido dinheiro suficiente para me fazer pensar seriamente no assunto. Mesmo agora, quinhentos dólares não bastariam se esses caras quisessem que eu ficasse sem roupa. Mas talvez — *pense positivo, Pequena Day!* —, talvez realmente fosse uma oferta séria, outro daqueles grupos de sofrendores precisando que eu aparecesse e lhes desse um motivo para falar sobre eles mesmos. Quinhentos dólares por algumas horas de simpatia era uma troca justa.

A carta era datilografada, a não ser pelo número de telefone ao final, escrito em uma caligrafia firme. Disquei o número, esperando uma secretária eletrônica. Em vez disso, houve uma pausa cavernosa, um telefone tirado do gancho, mas não atendido. Eu me senti desconfortável, como se tivesse ligado para alguém no meio de uma festa da qual não deveria saber.

Três segundos depois, uma voz masculina:

— Alô?

— Oi. É Lyle Wirth?

Buck estava circulando ao redor de minhas pernas, ansioso por mais comida.

— Quem fala?

Ainda ao fundo: um grande e alto nada. Como se ele estivesse em um poço.

— É Libby Day. Você me escreveu.

— Ahhhh, caramba. Mesmo? Libby Day. Ahn, onde você está? Está na cidade?

— Qual cidade?

O homem — ou garoto, ele soava jovem — gritou algo para alguém atrás dele que incluía a frase “Eu já fiz”, depois grunhiu no meu ouvido.

— Você está em Kansas City? Você mora em Kansas City, certo? Libby?

Eu estava prestes a desligar, mas o sujeito começou a gritar “Alô-ôôô? Alô-ôôô?”, como se eu fosse um garoto perdido que não prestava atenção na aula. Então falei que morava em Kansas City e perguntei o que ele queria. Ele deu um daqueles risos *hehehe*, aqueles risos *você-não-vai-acreditar-mas*.

— Bem, como disse, queria conversar com você sobre uma participação. Talvez.

— Fazendo o quê?

— Bem, eu integro um clube especial... Vamos fazer uma reunião do clube aqui semana que vem, e...

— Que tipo de clube?

— Bem, é meio diferente. É uma coisa meio underground...

Não falei nada, deixei que ele se virasse. Depois da ousadia inicial, eu podia sentir que ele estava desconfortável. Isso era bom.

— Ah, merda, é complicado explicar pelo telefone. Eu posso, ahn, te pagar um café?

— É tarde demais para um café — retruquei, e então me dei conta de que ele provavelmente não queria dizer naquela noite, provavelmente em algum momento da semana, então pensei de novo em como iria passar as quatro ou cinco horas seguintes.

— Uma cerveja? Vinho? — perguntou.

— Quando?

Pausa.

— Hoje?

Pausa.

— Tudo bem.

Lyle Wirth parecia um serial killer. O que significava que provavelmente não era um. Se você estivesse fatiando prostitutas ou comendo fugitivos, tentaria parecer normal. Estava sentado em uma mesa de cartea-

do imunda no meio do Tim-Clark's Grille, um bar horrível vizinho a um mercado de pulgas. O Tim-Clark's tinha ficado famoso por seu churrasco e agora estava sendo considerado um lugar "sofisticado", frequentado por uma mistura desconfortável de veteranos grisalhos e homens de cabelo bagunçado usando calças jeans skinny. Lyle não era nem um nem outro: tinha vinte e poucos anos, com cabelo castanho-claro ondulado, que ele tentava domar com gel demais nos lugares errados, de modo que era metade emaranhado, metade com pontas brilhantes. Usava óculos sem armação, um casaco da loja Members Only apertado e uma calça jeans skinny, que não era legal, apenas apertada. Os traços eram delicados demais para serem atraentes em um homem. Homens não deviam ter lábios carnudos.

Ele me encarou enquanto eu caminhava na sua direção. Inicialmente não estava me reconhecendo, apenas avaliando aquela estranha. Quando eu estava quase chegando à mesa, ele teve um estalo: as sardas, o esqueleto de passarinho, o nariz arrebitado que ficava mais arrebitado quanto mais as pessoas mantivessem contato visual.

— Libby! — começou ele, depois se dando conta de que era íntimo demais e acrescentando: — Day!

Ele se levantou, puxou uma das cadeiras dobráveis, pareceu lamentar o cavalheirismo e se sentou novamente.

— Seu cabelo está louro.

— É — respondi.

Odeio pessoas que começam conversas com fatos — o que você deveria fazer com isso? '*Claro que está quente hoje. Bastante.*' Olhei ao redor para pedir uma bebida. Uma garçonete de minissaia com um cabelo negro voluptuoso estava com suas belas costas viradas para nós. Tamborilei na mesa até ela se virar, mostrar um rosto que devia ter pelo menos setenta anos, a maquiagem pesada acumulando nas rugas das bochechas, veias arroxeadas marcando suas mãos. Alguma parte dela rangeu quando se curvou para anotar meu pedido, fungando quando pedi apenas uma cerveja Pabst Blue Ribbon.

— O peito de boi daqui é realmente bom — disse Lyle.

Mas ele também não estava comendo, apenas bebendo os restos de algo cremoso.

Eu não como carne, não desde que minha família foi fatiada — ainda estava tentando tirar Jim Jeffreys e seu filé grosso da cabeça. Neguei com um gesto e esperei minha cerveja, olhando ao redor como uma turista. As unhas de Lyle estavam sujas, foi a primeira coisa que percebi. A peruca

preta da velha garçonete estava fora do lugar. Cachos de cabelo branco suado grudavam no pescoço. Ela enfiou alguns para baixo da peruca, enquanto pegava um pacote de batatas fritas que chiavam sob o aquecedor. Um homem gordo estava sentado sozinho na mesa ao lado, comendo costeletas e examinando sua compra no mercado de pulgas: um velho vaso *kitsch* em formato de sereia. Seus dedos haviam deixado marcas de gordura nos seios da sereia.

A garçonete não disse nada ao colocar a cerveja bem na minha frente, depois ronronou para o gordo, chamando-o de docinho.

— E então, qual é a do clube? — comecei.

Lyle ficou cor-de-rosa, o joelho sacudindo sob a mesa.

— Bem, sabe como alguns caras fantasiam sobre futebol ou colecionam cartões de beisebol?

Assenti. Ele deu uma risada estranha e continuou.

— Ou mulheres leem revistas de fofocas e sabem tudo sobre um ator, tipo o nome do filho dele e a cidade onde foi criado?

Inclinei a cabeça atenta, uma anuência cuidadosa.

— Bem, é tipo isso, mas é, bem, nós o chamamos de Kill Club.

Tomei um gole de cerveja, gotas de suor brotando em meu nariz.

— Não é tão esquisito quanto parece — disse ele.

— Parece bastante esquisito.

— Sabe como algumas pessoas gostam de mistérios? Ou são viadradas em blogs de crimes reais? Bem, esse clube é formado por um bando de pessoas assim. Todos têm um crime pelo qual são obcecados: Laci Peterson, Jeffrey MacDonald, Lizzie Borden... Você e sua família. Quer dizer, você e sua família são muito importantes no clube. Muito. Mais que JonBenét.

Ele me viu fazer uma careta e acrescentou:

— Uma tragédia o que aconteceu. E seu irmão na cadeia por quanto tempo? Vinte e cinco anos?

— Não sinta pena de Ben. Ele matou minha família.

— Hum, sei... — disse, sugando um pedaço de sorvete. — Então, você já conversou com ele sobre isso?

Senti minhas defesas se erguendo. Há pessoas que juram que Ben é inocente. Elas me enviam recortes de jornal sobre Ben, e eu nunca leio, jogo no lixo assim que vejo a foto dele — seu cabelo ruivo solto e na altura dos ombros, em um corte ao estilo Jesus Cristo para combinar com seu rosto reluzente, cheio de paz. Agora ele está com quase quarenta anos. Nunca fui visitar meu irmão na cadeia em todo esse tem-

po. Sua atual prisão é, convenientemente, na periferia de nossa cidade natal — Kinnakee, Kansas —, onde ele cometeu os assassinatos. Mas não sou nostálgica.

A maioria dos devotos de Ben é do sexo feminino. Orelhas de abano, dentes longos, permanente nos cabelos e calças compridas, lábios franzidos e crucifixos. Essas mulheres eventualmente aparecem na minha porta, com brilho demais nos olhos. Dizem que meu testemunho foi errado. Eu estava confusa, fui coagida e menti ao jurar, aos sete anos, que meu irmão era o assassino. Com frequência, gritam comigo e cospem ao falar. Várias chegam a me estapear. Isso as torna ainda menos convincentes: uma mulher histérica de rosto vermelho é muito fácil de ignorar, e estou sempre procurando uma razão para isso.

Se elas fossem mais gentis comigo, poderiam ter me conquistado.

— Não, eu não falo com Ben. Se é sobre isso, não estou interessada.

— Não, não, não, não é. Você apenas aparece, é quase como uma convenção, e permite que obtenhamos informações. Você realmente não pensa naquela noite?

Lugar escuro.

— Não, não penso.

— Você poderia descobrir algo interessante. Há alguns fãs... Especialistas que sabem mais sobre o caso que os detetives. Não que *isso* seja difícil.

— Então é um bando de pessoas que quer me convencer de que Ben é inocente.

— Hum... Talvez. Talvez você os convença do contrário.

Senti um toque de condescendência. Ele estava se inclinando para a frente, os ombros tensos, exaltado.

— Quero mil dólares.

— Eu poderia lhe dar setecentos.

Olhei novamente ao redor do salão, sem me comprometer. Aceitaria qualquer coisa que Lyle Wirth me desse, porque, do contrário, em pouco tempo estaria procurando um emprego de verdade, e eu não queria fazer isso. Não sou alguém de quem se possa depender cinco dias por semana. Segunda, terça, quarta, quinta, sexta? Eu nem mesmo me levanto da cama cinco dias seguidos. Ir a um local de trabalho onde teria que ficar durante oito horas — oito longas horas fora da minha casa — seria impossível.

— Tudo bem, setecentos, então — concordei.

— Excelente. E haverá muitos colecionadores lá, então leve suvenires, ahn, objetos de sua infância que possa querer vender. Você poderia facilmente sair com dois mil dólares. Sobretudo cartas. Quanto mais pessoais, melhor, claro. Qualquer coisa com data próxima à dos assassinatos. Três de janeiro de 1985 — recitou, como se dissesse com frequência. — Qualquer coisa da sua mãe. As pessoas são realmente... fascinadas pela sua mãe.

As pessoas sempre foram. Sempre quiseram saber: que tipo de mulher é assassinada pelo próprio filho?

O LIVRO QUE INSPIROU O FILME
ESTRELADO POR CHARLIZE THERON.

EU TENHO A MALDADE DENTRO DE MIM, TÃO REAL QUANTO UM ÓRGÃO.

Libby Day tinha apenas sete anos quando viu a mãe e as duas irmãs serem mortas num massacre brutal na fazenda da família.

Desde aquele dia, Libby passou a viver sem rumo. Uma vida paralisada no tempo, sem amigos, família ou trabalho. Mas, já adulta, quando é procurada por um grupo de pessoas obcecadas por crimes violentos, Libby começa a se fazer perguntas que até então nunca ousara e a questionar se existiria algum segredo por trás daqueles assassinatos.

Ao intercalar com habilidade a trajetória detetivesca de Libby com flashbacks dos acontecimentos do dia dos crimes, Gillian Flynn conduz o leitor em diferentes direções. Escrito com primor, **LUGARES ESCUROS** não só mostra como a memória é passível de falhas, mas também evidencia as mentiras que uma criança diz a si mesma para superar um trauma.

“Ame ou odeie Libby Day, mas você não vai conseguir esquecê-la.”

The New York Times

“Perturbador e original. Flynn criou uma protagonista mordaz, desagradável e sem amor-próprio, mas que vai fazer você torcer por ela.”

New York Magazine

“Uma história de horror arrebatadora.”

Chicago Tribune

ISBN 978-85-8057-581-0



9 788580 575910

www.intrinseca.com.br